



CURSO – DIREITO/USP

“Meus melhores amigos ainda são daqui”

Glenda Farias da Fonseca Rodrigues entrou na São Francisco em 2015 e está para se formar este ano. Por opção, terá dupla graduação com a Universidade Lyon 3, da França. No Etapa e na faculdade, ela desenvolveu intensa atividade extracurricular. Aqui, ela faz um relato de sua vida acadêmica, de suas atividades e de seus planos profissionais.

Glenda Farias da Fonseca Rodrigues

JC – Além da Fuvest, para Direito, você prestou algum outro vestibular?

Glenda – Prestei Medicina na Unifesp e Engenharia na UFSCar pelo SisU. Passei em Engenharia e Direito.

Por que carreiras tão diferentes?

Eu entrei no colégio no 1º ano sem saber o que ia fazer. Meus amigos todos estavam falando em Engenharia. Eu achava legal, mas... “será que é isso?”. No 2º ano, comecei a participar do Simula Etapa e do Emun, com debates, e puxei mais para o lado de Humanas. Fiquei entre Relações Internacionais e Direito. Só que não gostei muito da grade de RI e preferi tentar Direito.

E Medicina, por que você prestou?

Prestei o vestibular para treinar, a Unifesp era antes da Fuvest. Passei à 2ª fase, mas não era muito o que eu queria.

Mudou alguma coisa no seu estudo no 3º ano?

Eu fui do Etapa Internacional no 3º ano, era a primeira turma. Mas não fiz o *application* (inscrição para ingressar em cursos no exterior). No meio do 3º ano, eu vi que não estava tão a fim de Engenharia e não fazia sentido sair do país para cursar Direito.

Como você veio estudar no Etapa?

Depois do Fundamental, eu queria um lugar que exigisse mais. Gostei da metodologia do Etapa e vim para cá.

Quais outras atividades você seguiu no Ensino Médio?

Fiz olimpíadas. Antes de vir para o Etapa, eu só tinha feito a de Astronomia. Continuei aqui e entrei nas de Biologia, Química, Linguística e História. Fazia aulas de preparação para Química, Biologia e Astronomia. Passava o dia aqui. Eu adorava, fazia tudo.

ENTREVISTA

Carreira – Direito

1

(ENTRE PARÊNTESES)

A que dado fechado corresponde o aberto?

3

CONTO

A carteira – Machado de Assis

4

ARTIGO

Animais gigantes vivem em megapantanal na Amazônia

5

POIS É, POESIA

Alberto de Oliveira – A história de Carmem

7

ESPECIAL

Alunos do Colégio Etapa conquistam 60 medalhas na Olimpíada Brasileira de Física (OBF)

7

ESPECIAL

Alunos do Etapa garantem 33 medalhas na 8ª edição da Olimpíada Brasileira de Linguística (OBL)

8

Como foi sua adaptação na São Francisco?

No primeiro semestre, eu ficava mais aqui no colégio do que na São Francisco. Conhecia muita gente de outras turmas e todo dia vinha almoçar com o pessoal daqui. Lá eu ainda não me sentia tão à vontade. Enquanto aqui eu tinha todo o apoio, lá não. Era muito solto, da gente não saber onde pegar para ler o texto que o professor tinha indicado. Foi um início estressante. Só no segundo semestre eu consegui me adaptar lá.

Você também participava de atividades extras na faculdade?

No meu primeiro semestre, fiz francês. A São Francisco tem um programa de dupla graduação com universidades da França e eu queria entrar. Estou inscrita em Lyon 3, fiz uma matéria em dezembro e ainda tenho que completar 10 matérias de Direito francês até me formar. Vêm professores de lá e dão aula aqui.

Em francês?

Em francês. É corrido, tem matérias com aulas de cinco horas, seis horas direto. Vou me formar no fim do ano na São Francisco e posso fazer mais um ano só da dupla graduação.

Além de entrar na dupla graduação, você desenvolveu outras atividades?

Fui uma das fundadoras de um grupo na São Francisco da Enactus, uma ONG internacional de empreendedorismo social. Como tinha pouca gente, virei logo diretora de projetos. A gente tinha várias diretorias. No evento Enactus Brasil, ganhamos como o melhor projeto de grupo iniciante. Depois virei vice-presidente, continuei como diretora, fui presidente por um tempinho, mas aí eu tive que sair. Estou como conselheira, eles me acionam se precisar.

Qual foi o projeto que vocês desenvolveram?

A ideia da Enactus é criar projetos com a comunidade, usar o empreendedorismo social para empoderar uma comunidade vulnerável. Qualquer comunidade vulnerável. Nosso projeto foi numa penitenciária feminina em Santana. Conseguimos contato com a diretora da penitenciária através de uma professora de Direito Penal e iniciamos o projeto no segundo semestre de 2016, na ala materna. Nessa ala, cada mulher tem cela individual, com berço, chuveiro, é um pouco mais humana.

O que vocês faziam?

Nós íamos uma vez por semana encontrar o pessoal. Eram 21 mulheres no início. Na ala materna, elas ficam seis meses, depois eles levam o bebê e elas têm que voltar para a ala normal.

Como era esse trabalho?

Quando elas saem dali, a reintegração no mercado de trabalho é muito difícil. Procuramos mostrar que empreender era uma possibilidade. Fazíamos uma roda de conversa mais para discutir as questões como maternidade, a mulher na sociedade, e dávamos umas aulas de empreendedorismo. A gente tinha oficina de biojoia com um parceiro que é lojista no Mercado Municipal. Ele ajudava com material e também dando aulas. Elas fizeram uma coleção de peças, que lançamos no Mercado Municipal e repassamos para elas o dinheiro de tudo que foi vendido. Foi legal porque uma das mulheres que participaram desse projeto falou depois no Facebook que está tentando começar um negócio. Foi bem importante isso, tanto na faculdade como pessoalmente.

Isso foi a partir do 2º ano?

Final do 1º ano para o 2º.

Depois, o que mais você fez?

Eu entrei num grupo de Estudos Legais Asiáticos. Desde pequena, eu tinha amigas coreanas, japonesas e gostava muito da cultura desses países. Foi muito legal, cada semana uma palestra diferente. E em 2017, no meio do 3º ano, fui para um programa de intercâmbio no Japão. Fiquei pouco mais de um mês. Era intercâmbio de férias de verão, o nome é Direito e Paz. Visitamos o Supremo Tribunal, o Ministério da Defesa, tivemos muita aula na faculdade. Fui à penitenciária de lá, só que na masculina. Como já tinha a experiência daqui, eu podia comparar. Nossa, foi um negócio absurdo; é muito organizado, tem uma ala de saúde, dentista, eles têm muito equipamento que a gente aqui só vê em hospital.

Intercâmbio com qual faculdade?

Principalmente a Universidade de Hiroshima. Mas outras faculdades de Tóquio recebiam a gente para aulas menores e palestras. Foi bem intenso, só tive um dia livre lá. Foi com a gente o diretor da São Francisco, era o último ano do mandato dele, ele queria ir lá para agradecer a parceria. Depois a gente foi para Hiroshima para ter aulas.

Em inglês?

Em inglês. Eu tive algumas aulas de japonês, mas bem básico, como pedir comida, como pedir coisas em loja, como me localizar. Tinha uma parte bem cultural, teve algumas aulas sobre cultura, como a religião influencia na cultura. Teve aula de Direito Penal, Direito Comercial, uma parte histórica. Lá você tinha que fazer um trabalho, tinha que entregar um miniartigo, cinco páginas, e apresentar o seu trabalho. Tudo em inglês. Por causa desse intercâmbio, conheci uma professora que foi com a gente, e aí eu fui de novo para o Japão, com ela, no início de 2018.

Você ficou quanto tempo no Japão nessa segunda vez?

Fiquei 25 dias, com a professora e mais uma menina da São Francisco.

Você já definiu o seu tema para a tese de láurea?

Ainda não comecei a escrever, mas eu queria alguma coisa de internet. Violação de marca em *link* patrocinado. Sabe quando você abre o Google, escreve um nome e aparece um anúncio? Quando você clica naquele anúncio, a pessoa que anunciou também paga. Aí eu fui ler o contrato do Google voltado para isso. Se eu sou uma empresa e quero anunciar, coloco palavras-chave para relacionar minha empresa e meu *site* à pesquisa de alguém; só que muitas empresas colocam o nome de outras para puxar junto. O contrato fala que o Google não tem responsabilidade nenhuma sobre isso. O que eu quero ver é se tem ou não.

Neste último ano, qual o seu maior desafio?

Além da tese de láurea, tenho que fazer OAB. Mas a minha maior dúvida é o que fazer da vida depois de formada. Decidi que não quero uma carreira muito tradicional no Direito. Estou num escritório de advocacia que pelo menos trabalha diretamente com uma empresa, e gosto disso. Minha dúvida agora é se vale a pena tentar trabalhar dentro de uma empresa.

Quais são as outras opções?

Eu quero continuar estudando, mas não estou pensando em engatar direto outra graduação. Quero dar uma segurada, ver o que fazer da vida.

O que você pode dizer a quem vai prestar Direito?

Acho que uma parte da minha escolha pelo Direito foi a abrangência da carreira. O curso dá uma visão muito grande de tudo, e muitas oportunidades depois. Mesmo que não queira trabalhar diretamente como advogado ou como juiz, promotor, você pode ter uma empresa e usar tudo que aprendeu na parte de gestão. Você tem muitas extensões e muitos grupos de estudos. Tem muita coisa. Eu acho que todo mundo no fim se encontra, mas lá tem

que correr atrás, você é que faz sua graduação. Tem bastante matéria extra, optativa. Eu não sabia o que queria, mas aos poucos fui me achando. Coisas que eu nunca imaginava encontrar, tipo Direito Asiático. O curso dá uma base muito ampla e deixa você escolher.

Quais matérias que você teve no Etapa foram mais úteis para sua formação na faculdade?

No início da São Francisco, Sociologia e Filosofia. Aqui a gente vê muito questões de geopolítica, o que ajuda muito. Direito Constitucional tem uma parte meio política, Teoria Geral do Estado tem uma parte de geopolítica. Teoria Geral do Estado para mim era o Emun, era território, eram definições que eu já usava. Português, com certeza. O escrever bem lá é a chave de tudo. Acho que o Direito pega um pouquinho de tudo.

E os amigos da época do Etapa? Vocês ainda se veem?

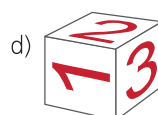
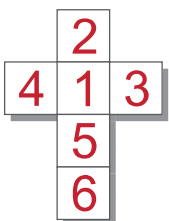
Ainda falo com muita gente. Tem amigos que estudam fora, que estavam na minha sala do Internacional. Eles vêm para cá a cada seis meses, a gente se encontra, junta toda a galera. Meus melhores amigos ainda são daqui. Muitos deles entraram na São Francisco depois.

Que lembranças você tem do colégio?

De passar o dia inteiro aqui. A gente vinha para a aula e desde o 1º ano ficava fazendo as matérias de olimpíadas à tarde, ficava com os amigos, conversando, estudando para prova até a noite. Fazia mais aulas à noite. Às vezes a gente saía tarde, 10 e meia. Até na Internacional a gente ficava lá conversando. Estudava muito, aprendia muito, mas tinha muito tempo divertido.

O que você pode dizer para nossos alunos que estão para prestar vestibular?

Acho que na reta final é confiar. Você já tem estudo, já viu tudo, 3º ano é revisão. Treinar muito no final, fazer exercícios e manter a calma. E aproveitar tudo. O Etapa dá uma base muito boa e dá muita chance. É só você aproveitar tudo.

(ENTRE PARÊNTESES)**A que dado fechado corresponde o aberto?****RESPOSTA**

Alternativa C.